

## Os desafios da polícia civil

Martha Rocha

Sou uma policial civil com 28 anos de carreira. Entrei na Polícia Civil em 1983 como escritã e, em 1990, fiz um segundo concurso público para o cargo de delegada de polícia. Quando me tornei delegada, a polícia não tinha muitas mulheres neste cargo. Para ser muito sincera, havia apenas uma. Não estou aqui porque sou mulher, mas sim porque tenho uma carreira. Agora, é evidente que estou mudando um paradigma. Claro que há um processo de transformação em andamento por ter uma mulher onde estou.

A Polícia Civil, que é a polícia judiciária, tem a seu favor a ferramenta da investigação. O resultado do nosso trabalho, portanto, vem daí. Entre os nossos desafios, está o desafio de jamais perder de vista que nossos resultados, nossas prisões, os esclarecimentos dos fatos, obrigatoriamente, devem ser consequência de uma boa averiguação. Segundo, temos que trabalhar com metas. Buscamos resultados, queremos ter uma formação e um atuar éticos, e, de alguma maneira, a polícia não é feita de “achômetro”. Ela trabalha a partir de diretrizes, de ações estruturantes, de objetivos. É fundamental conjugar uma polícia pautada na ética e na eficiência que tenha iniciativas sólidas e permanentes, e fortalecer as ações investigativas.

Acredito que nenhum lugar do mundo passará por aquilo que o Estado do Rio de Janeiro vivenciará nessa década. Como estamos falando de sediar grandes eventos internacionais, a polícia terá que estar estruturada, precisará estabelecer metas e ter ações vinculadas ao investimento em tecnologia. A polícia deve ter um olhar diferenciado. Na verdade, acho que essa década será um divisor de águas na história do Brasil e, talvez, na história desse estado. Portanto, o paradigma da segurança pública não pode ser uma política de governo, não pode estar restrito a quatro anos. Ele deve ser uma política de estado. Hoje, temos de pensar o que queremos e precisamos ter em 2016, quando estivermos recebendo os Jogos Olímpicos. É preciso conhecer o presente e estruturá-lo para projetar o futuro. Em razão desse bom momento do estado do Rio, este é o grande desafio.

Por força do preceito constitucional, enquanto a Polícia Militar age antes do crime, a Polícia Civil atua somente após o seu cometimento. Logo, esta última tem um atuar repressivo. Mas uma boa repressão, com esclarecimento do fato e condução do autor a um processo judicial, acaba sendo igualmente uma ação de certa forma preventiva, porque a certeza da punição é também um inibidor da violência. O fato de as duas instituições terem atuações distintas não quer dizer que não devam se falar nem trocar informações. Isso não significa que elas não possam proceder ações conjuntas que visem, por exemplo, à redução de um determinado delito, de uma determinada mancha criminal.

Hoje, por meio da Secretaria de Segurança Pública, nós temos as Regiões Integradas de Segurança Pública (RISPs). Temos também indicadores estratégicos. O número de homicídios, por exemplo, é um dado importante quando se avalia redução de criminalidade e índices de desenvolvimento humano.

Nós temos os denominados crimes de rua, o furto e o roubo. E temos também o latrocínio e o roubo de automóveis. As forças policiais têm de se unir para enfrentar o desafio de reduzir estes indicadores, o que de fato tem acontecido. Então, o delegado de polícia tem acesso aos registros das ocorrências e, por isso, sabe onde estão ocorrendo os roubos a veículos, deve manter contato com o comandante do batalhão para que este possa reorganizar o patrulhamento e seguir o deslocamento da mancha criminal. Por isso, a integração entre as polícias Civil e Militar é fundamental. Nós temos o mesmo “cliente”: o povo do Estado do Rio de Janeiro. O nosso objetivo é a construção de uma sociedade solidária, justa e com segurança. Em nome de suas missões, estas instituições têm a obrigação de se falar, de se entender, trocar informações e conjugar ações, o que acontece muito bem.

Durante a minha trajetória como delegada, também fui corregedora. Quando chegamos aqui, a corregedoria seguia proativa. Quem acompanha o jornal percebe que temos sido fortes. Fizemos investimentos em viaturas, delegados, policiais civis e agentes. Isso quer dizer que, para a chefia da Polícia Civil, somos nós que promoveremos nossas ações não apenas educativas, mas ações de correção. Do mesmo modo, a sociedade também deve dizer que polícia deseja ter. Quando olhamos para os últimos 20 anos, observamos que, por um lado, a sociedade quer que a polícia prenda e arrebente. Mas, por outro, ela usa o discurso dos direitos humanos. Em um Estado Democrático de Direito, não há espaço para uma polícia que não seja comprometida com os direitos e as garantias individuais. É impossível pensar numa polícia diferente hoje em dia.

Acredito que a construção da imagem da polícia se faz no dia a dia. A delegacia não tem portas, fica aberta 24 horas por dia, e o bom atendimento no balcão reduz o sentimento de insegurança. Quando chegamos aqui, conversamos com o ouvidor da Polícia Civil e percebemos que, já no mês de abril, houve uma redução das reclamações e também um aumento dos elogios à Polícia Civil.

Organizamos ainda um grande treinamento dos policiais civis e falamos sobre o direito do cidadãos, dos indicadores, e de tudo que é preciso ter em um registro de ocorrência. Isso foi feito com a corregedoria da Polícia Civil e trouxemos o ouvidor para que ele dissesse quais são as principais reclamações relativas à organização. Nossa visão é a de que o bom atendimento é sim redutor da insegurança e, por isso, é fundamental trabalhar na qualificação desses policiais. Só assim são reforçadas as relações de confiança entre a instituição e a sociedade civil. Estamos agindo no que é preciso e corrigindo o que é necessário.

Tenho um compromisso com a verdade. Então, se tiver que punir, quero dizer à sociedade: eu, chefe da Polícia Civil, nessa situação, intervi dessa maneira. E, assim como aconteceu de prender policiais, quero dizer para todos que tenho uma valorosa gama de policiais civis que, ao final de cada dia, demonstram competência, coragem e ética.